

APR 1957

2

TERRA PORTUGUESA

REVISTA ILUSTRADA DE ARQUEOLOGIA ARTISTICA
E ETNOGRAFIA



LISBOA
Na Oficina do Anuario Comercial Praça dos Restauradores, 24.
MCM XVI

SUMARIO

N.º 2 — MARÇO DE 1916

	Pag.
As cangas e jugos portugueses de jungir os bois pelo cachaço — <i>Eugeniusz Frankowski</i>	33
Louças e azulejos de Torres Vedras — <i>José Queiroz</i>	44
A Architectura Pre-Romanica em Portugal (continuação) — <i>D. José Pessanha</i>	50
Do Algarve — Moendo milho (Tavira) — <i>Alberto Sousa</i>	55
Limonadas das romarias — <i>Severo Portella</i>	57
Tapetes de Arrayollos (continuação) — <i>D. Sebastião Pessanha</i>	59
Notas: 1. ^a) Esculptura popular em madeira — <i>S. P.</i>	49
2. ^a) Processo primitivo de contar nas vindimas do Douro — <i>V. C.</i>	58
3. ^a) Castanholas enfeitadas — <i>V. C.</i>	62
4. ^a) «Cossoiros» do Baixo Alentejo — <i>V. C.</i>	63
Cronica	64

Toda a colaboração é solícitada. Toda a correspondencia deve ser dirigida para a Redacção, R. Rodrigo da Fonseca, J. P., Lisboa.

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado; cobrança á custa do assinante)

SEMESTRE

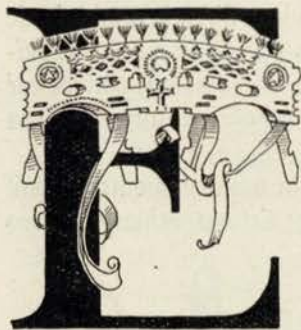
PORTUGAL	1\$20
AFRICA E INDIA	1\$40
ESTRANGEIRO	7 frs.
BRAZIL	7\$00

Numero avulso \$20

TERRA PORTUGUESA

DIRECTOR LITTERARIO : VERGILIO CORREIA	EDITOR E PROPRIETARIO : D. SEBASTIÃO PESSANHA	DIRECTOR ARTISTICO : ALBERTO SOUZA
ANNO 1. ^o —N. ^o 2	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua Rodrigo da Fonseca, J. P. — Lisboa Comp. e imp. na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa	MARÇO DE 1916

AS CANGAS E JUGOS PORTUGUESES DE JUNGIR OS BOIS PELO CACHAÇO



XISTEM na literatura scientifica europeia algumas obras que se occupam dos jugos.

O primeiro que ligou importancia ás diferentes maneiras de jungir os bois com os jugos foi Braungart. Num trabalho muito interessante, *Urgeschichtlich-ethnographische Beziehungen an alten Aspanngeräthen*, no «Archiv für Anthropologie», T. XXVI, p. 1013, refere-se esse autor a diversos tipos de jugos adotados em algumas partes da Europa, e, chama áqueles que se usam ligados aos córnos, os jugos *germanicos*, (fig. 1), porque encontrou esse tipo no sul da Alemanha, no Tirol e na Suissa. Explica a adoção deste mesmo tipo, em França, tambem por influencias germanicas.

Ao segundo tipo de jugo, que encontrou no sul do Tirol, e que se prende sobre a nuca e o cachaço com dois pausinhos encadeados, para cada boi, denomina *jugo romano* (fig. 2) porque se usa em distritos que fizeram parte do Imperio romano.

Finalmente chama de tipo *slavo* (fig. 3), ao jugo espalhado tanto em regiões habitadas por povos de origem slava, como em países em que se fizeram sentir influencias duradouras e comprovadas dessa raça.

Depois deste, o sr. Aranzadi publicou tambem um estudo sobre os jugos dos bois: *El yugo vasco-Uztarria comparado con los demas*, (San Sebastian 1905) memoria es-

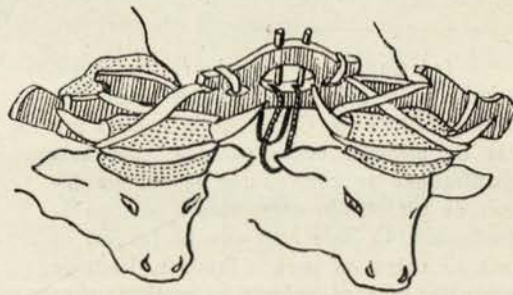


FIG 1 — BRIXEN (TIROL)

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

crita por ocasião das festas da «Tradição do Povo Basco». Neste trabalho reúne o autor material muito mais abundante que o coligido por Braungart e demonstra que, nem o jugo romano, nem o germanico, se devem denominar assim, porque se encontram em paizes onde, seguramente, não chegaram influencias de qualquer das duas civilizações.

O sr. Aranzadi passa uma exata e interessante revista ás formas de jungir pelos cónos, em Espanha, descrevendo com maior minúcia o jugo basco-uztarria. Em vez, porem, de classificar os jugos com os nomes das raças que os empregaram, romanos, germanos, slavos, etc., propõe-se distingui-los segundo a sua diversa maneira construtiva, em — jugos de cónos, de coleiras, de cangalhos e de caixilhos.

Da comparação de todos os processos de jungir pelos cónos, que conhece, com o jugo basco, chega à conclusão de que este «é um jugo europeu aperfeiçoado».

Se isto é verdadeiro, ou não, é assunto pouco facil de resolver: eu, no lugar do sr. Aranzadi, limitar-me-ia a considerar o jugo basco, «o mais complicado dos jugos de jungir pelos cónos».

O mesmo autor inseriu no «Bulletins et Mémoires de la Societé d'Anthropologie de Paris (a. 1909, p. 264) um artigo intitulado *L'attelage des boeufs par la tête est-il d'origine germanique?*. Este trabalho não acrescenta nada de novo, mas é interessante, por incluir um mapa da Europa onde se pode examinar com maior clareza que na obra anterior, a area de dispersão dos diferentes tipos de jugos.

Alem dos trabalhos mencionados existe tambem sobre o assunto um documento juvenil da pena do illustre sabio portuguez sr. J. Leite de Vasconcelos: *Estudo ethnographico a proposito da Ornamentação dos jugos e cangas* (1) dos bois nas provincias portuguezas do Douro e Minho.

(1) *Canga*. s. f. (palavra de origem asiatica): em diferentes paises da Asia, mas principalmente na China designa duas peças de madeira muito pesadas, com uma chanfradura ao centro, que se reúnem depois de ter metido entre elas o pescoço do condenado. O jugo com que se jungem os bois ao carro ou para a lavoura. Vara de que usam os carregadores ou mariolas para

levar suspensas no meio em cordas as cargas pesadas (Grande dicionario portuguez ou Tesouro da lingua portugueza, pelo D. Fr. Domingos Vieira. Porto 1873. T. II, pag. 79).

Nas ilhas Filipinas chamam-se *cangas* a certos aparelhos destinados a acarretar pesos (estrados sem rodas), (Catalogo de la exposicion general de las islas Filipinas, celebrado em Madrid em 1887).

O aldeão portuguez chama aos jugos baixos, *cangas*; os adornados recebem tambem em algumas partes, indistintamente, essa denominação ou a de jugos.

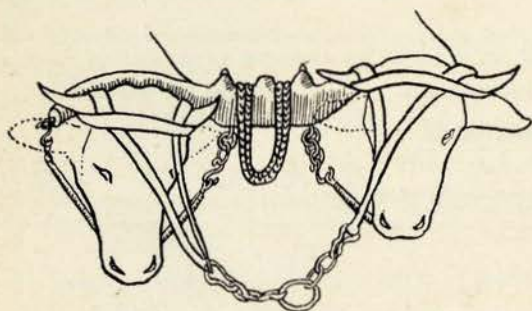


FIG. 2 — MERAN (TIROL)

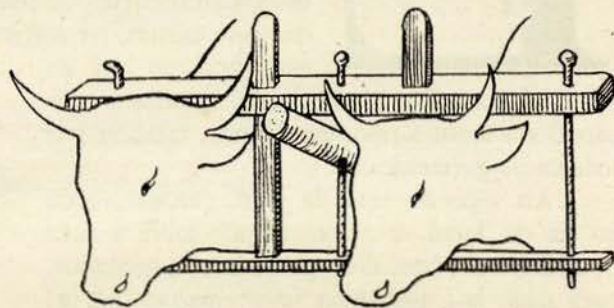


FIG. 3 — TARNOW (POLONIA)

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

(Porto, 1881. Empreza do jornal d'Agricultura). Neste estudo, o autor preocupa-se apenas com a ornamentação do jugo, procurando encontrar nos motivos artisticos, sobrevivências de crenças préistoricas. Da construção do jugo e das suas diferenças, porém, não diz palavra.

Ignoro se existem outras obras que tratem deste mesmo assunto. Alguns artigos sobre jugos, publicados na *Ilustração Portuguesa* (1), e na *Arte*, etc., ocupam-se também apenas do aspecto artistico dessa alfaia agricola.

Para satisfazer ao pedido com que me honra o Dr. Vergilio Correia, de escrever alguma cousa para a *Terra Portuguesa*, dou aqui um resumo da primeira parte de um trabalho meu, mais extenso, atualmente em preparação, sobre os diferentes tipos de jugos empregados em todo o mundo, desde os tempos mais remotos até hoje.

Apresso-me a declarar que as minhas opiniões sobre este curioso assunto não poderão considerar-se definitivas: proponho-me apenas expôr o meu juizo particular sobre a origem das diversas formas de jugos e da sua distribuição territorial no antigo continente.

Se me perguntassem em que nação se observa maior variedade no modo de jungir os bois, sem vacilar, designaria Portugal.

Neste paiz encontram-se quasi todos os tipos de jugos, excetuando o de caixilhos, chamado por Braungart, *slavo*; e sob o ponto de vista da ornamentação é neste rincão do Ocidente que se nos deparam os mais formosos do mundo.

Quem tiver estado no Porto, alem das impressões agradaveis recebidas durante a visita desta cidade antiga e de pontos de vista encantadôres, levará entre as recordações indeleveis da sua visita, a lembrança vivaz dos caracteristicos

jugos, admiravelmente esculpidos, que, juntamente com os carros arcaicos circulam pelas ruas do velho burgo, todos diferentes e cada qual mais precioso que os outros.

Esses jugos dão ao Porto o carater de um museu vivo de Etnografia.

Ante um espectáculo desta ordem, ocorre perguntar. Donde vieram estes altos e adornados jugos? Por que se encontram somente nas regiões do Minho e Douro, (Entre Douro e Minho), no Noroeste de Portugal?

Em lugar de responder diretamente acho preferivel realizar uma excursão por todo o paiz, a começar pelo sul, anotando todos os exemplares de jugos empregados para juntas de bois. Os desenhos indicam, melhor do que qualquer descrição, as diferenças que se observam á medida que se caminha para o Norte.

A figura n.º 5 representa um jugo de Sines, usado no Alentejo e na Estremadura meridional. Compõe-se de um pau, de cujas extremidades saem quatro *cangalhos*, dois de cada banda, que o atravessam obliquamente, sobresaindo alguns centimentros acima da superficie

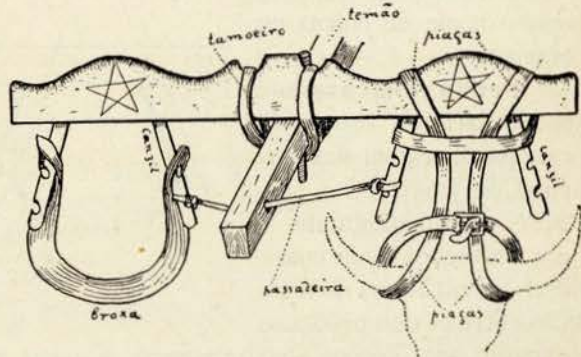


FIG. 4 — LISBOA

(1) Artigos publicados nos n.ºs de 23 de Setembro de 1907 e de 1 de Novembro de 1909.

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

superior do mesmo. Estes cangalhos são providos de um, dois e às vezes tres córtezinhos, as *mossas*, destinados a prender uma correia ou uma corda, chamada *broxa*, que rodeia o pescoço do animal, sob a barbela.

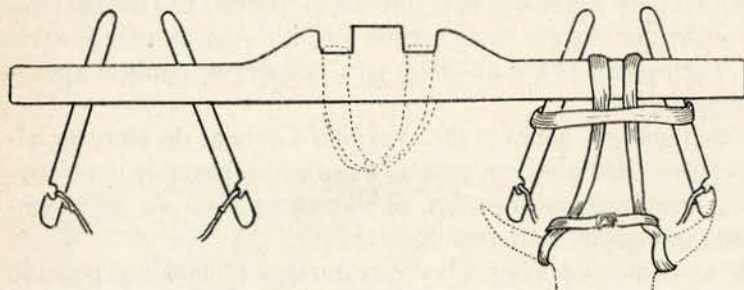


FIG. 5 — SINES

de jungir os bois pelo cachaço faz parte uma correia destinada a sujeitar os corno do animal, como se vê na figura 4; deste modo, uma parte do esforço do tiro cae sobre os chavelhos. Estas correias teem o nome de *piças* ou *corneiras*.

Provavelmente este singelo laço de couro representa a origem das maneiras de jungir pelas hastes, e, por conseguinte, o jugo portuguez pode considerar-se uma forma de transição entre os dois processos de jungir pelos corno e pelo cachaço, já acima apontados.

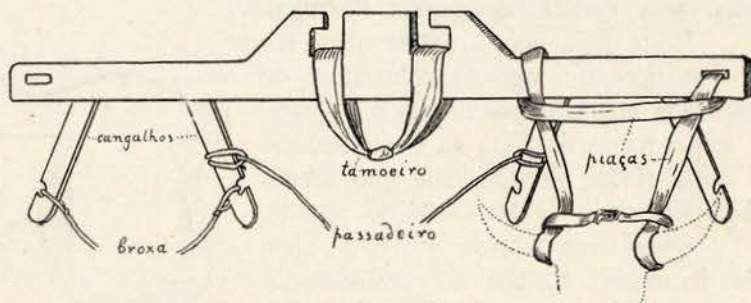


FIG. 6 — COIMBRA

Na Suecia (1) e na Abissinia (2) observa-se um processo de jungir quasi igual ao portuguez indicado. Esta circumstancia parece-me do maior interesse, porque as duas citadas regiões acham-se na proximidade de paizes em que se junte ainda (Alemanha) e junteu (Antigo Egito), pelos corno.

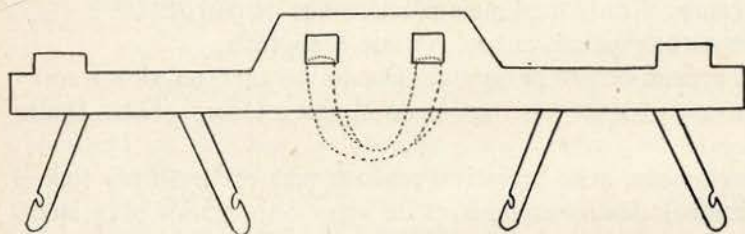


FIG. 7 — AVEIRO

Os cangalhos do meio são unidos por uma correia, a *passadeira*—no Alentejo, *arrecuadeira*, (fig. 4), que

passa a través de uma abertura horisontal na parte deanteira do *temão*.

Em geral o lavradôr possui dois jugos, um para o carro, outro para o arado; o primeiro é um pouco mais largo e maciço do que o segundo.

(1) R. Braungart. Obra cit. pag. 1041.

(2) F. Ratzel. Le raze umane. Trad. do alem. Mario Lessona. Torino 1896 T. III pag. 248.

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

O jugo usado nos arredores de Lisboa (fig. 4) diferencia-se do anterior apenas porque, sobre o cachaço do boi, a parte superior do jugo deixa de ser recta e aparece arqueada em cabeceira; por outro lado, os cangalhos, aqui denominados *canzis*, não passam acima da trave do jugo, ao contrario do que sucede no exemplo anterior.

Estes jugos do Termo de Lisboa são geralmente pintados de azul ou vermelho, e, sobre a face anterior da cabeceira correspondente a cada boi, costumam ter gravado, como ornamento, o sino-saimão, uma cruz ou uma roseta. Algumas vezes esses ornatos são desenhados com pregaria amarela.

Os jugos dos arredores de Coimbra (fig. 6) assemelham-se aos anteriores, com a diferença, porem, de que as extremidades do aparelho são providas de aberturas para a passagem das piças. As duas saliências lateraes da elevação central

aparecem viradas para o interior, à maneira de ganchos, fechando metade da abertura destinada ao tamoeiro. Os canzis chamam-se aqui de novo *cangalhos*, e, como em Lisboa, não passam acima da parte superior do jugo.

A saliência central chamada, *os moirões*, é quasi sempre adornada com uma cruz, um coração, um sino-saimão ou uma roseta, sendo porem de notar que essa ornamentação só aparece no meio do jugo.

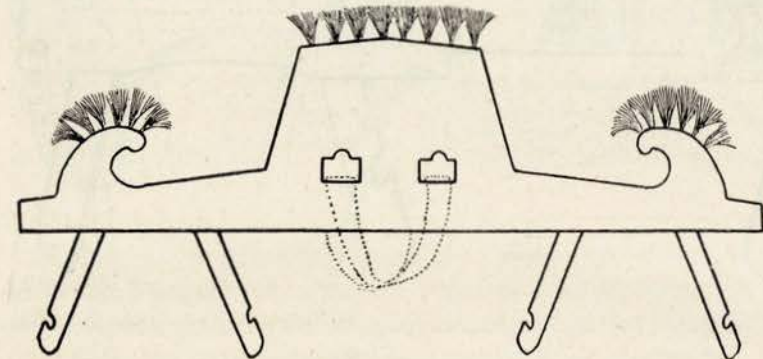


FIG. 9 — PARTE OCIDENTAL DO DISTRITO DE VIZEU

novas aberturas para a passagem dos couros das piças, chega até às extremidades do jugo, passando de acessório a parte principal. As figuras 8-11- e 18-21, demonstram claramente toda essa serie de transformações.

Segundo as localidades, os jugos portugueses são construidos de madeira de carvalho, sôbro, azinheira ou castanho, e os canzis e coleiras, de castanho, loureiro, sôbro, etc.; os adornados apresentam larguras que vão de 1,05 a 1,50 e a sua altura varia entre 0,25 e 0,60,

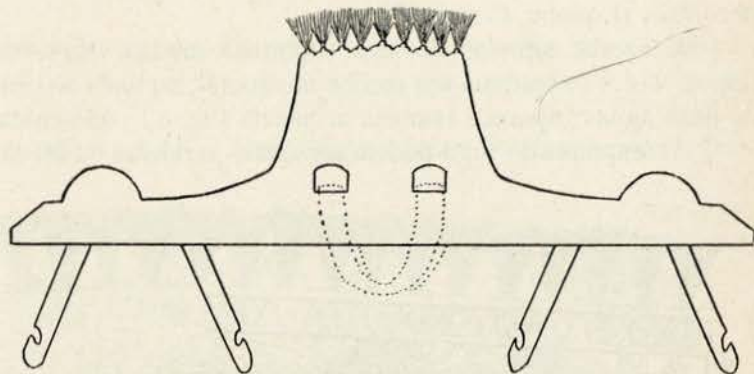


FIG. 8 — FEIRA

Nos arredores de Aveiro, na Beira Mar e em parte da Beira Alta, os moirões lateraes, dobrados em gancho, como se usam em Coimbra, ligam-se ao central, formando uma elevação unica e comum, provida de duas aberturas para o tamoeiro (fig. 7).

Mais para o norte, esta elevação alastra, e, deixando

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

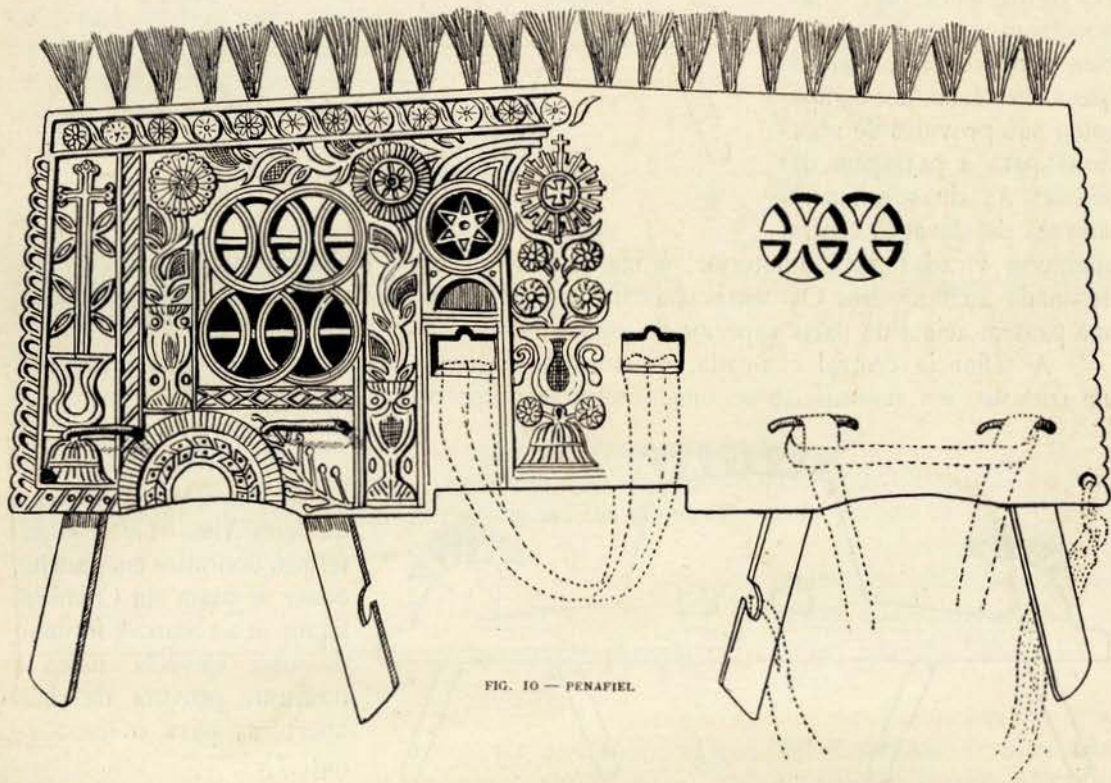
na parte média. Os de fórmãs iguaes aos representados nas figuras 7 e 8, encontram-se em parte da Beira Alta e a noroeste, até ao Porto.

Em certos lugares dos arredores de Aveiro veem-se sobre as extremidades dos jugos umas elevações retangulares (fig. 7) que em outros pontos se tornam semi-circulares (fig. 8) e em algumas terras, elevando-se mais, se encurvam para o meio do aparelho (fig. 9) em geito de chavelho ou de concha.

Os jugos adornados dos arredores da cidade do Porto são em grande maioria, trapezoidaes (Espinho, Gaia, etc.).

A aresta superior do jugo, enfeitada muitas vezes com pinceis de crina de cavallo, (fig. 9, 10, 11) costuma ser recta e horizontal, ou toma ao centro o corte de telhado (fig. 21) de duas aguas; aparece tambem arqueada (fig. 11) ou denteada.

As esquinas do jugo podem ser quasi paralelas ou levemente divergentes, como os la-



dos de um trapezio. Nos arredores de Braga, quasi todas as cangas têm as bordas curvas, por vezes com as arestas chanfradas (fig. 11, 21, 22).

Todos os ornatos da extraordinaria alfaia agricola que é o jugo portugues podem reduzir-se, quanto á tecnica, aos tipos seguintes:

- 1) Linhas em forma de sulco.
- 2) Abertos.
- 3) Baixo-relevos.

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

O primeiro tipo encontra-se em todos os jugos portugueses. Nos jugos altos, adornados de baixo-relevos, os sulcos empregam-se principalmente na face posterior. Os desenhos são obtidos com a goiva, que se crava profundamente na madeira de castanho, formando series de côvos regulares e unidos.

O segundo tipo apresenta nos seus vasados, aberturas em forma de grade de círculos (fig. 19), simples ou entrelaçados (20), e de estrelas, que predominam nos arredores do Porto, ou de janelinhas e frestas alargadas, como se topam mais ao norte, em volta de Braga, etc. (fig. 11, 21, 22).

O terceiro tipo de ornamentação costuma empregar-se em companhia dos anteriores (fig. 20); acontece muitas vezes que o fundo da composição é pintado com côres diversas das dos ornatos em relevo.

O elemento geometrico prepondera na Beira Alta, em geral longe do mar ; nas cercanias

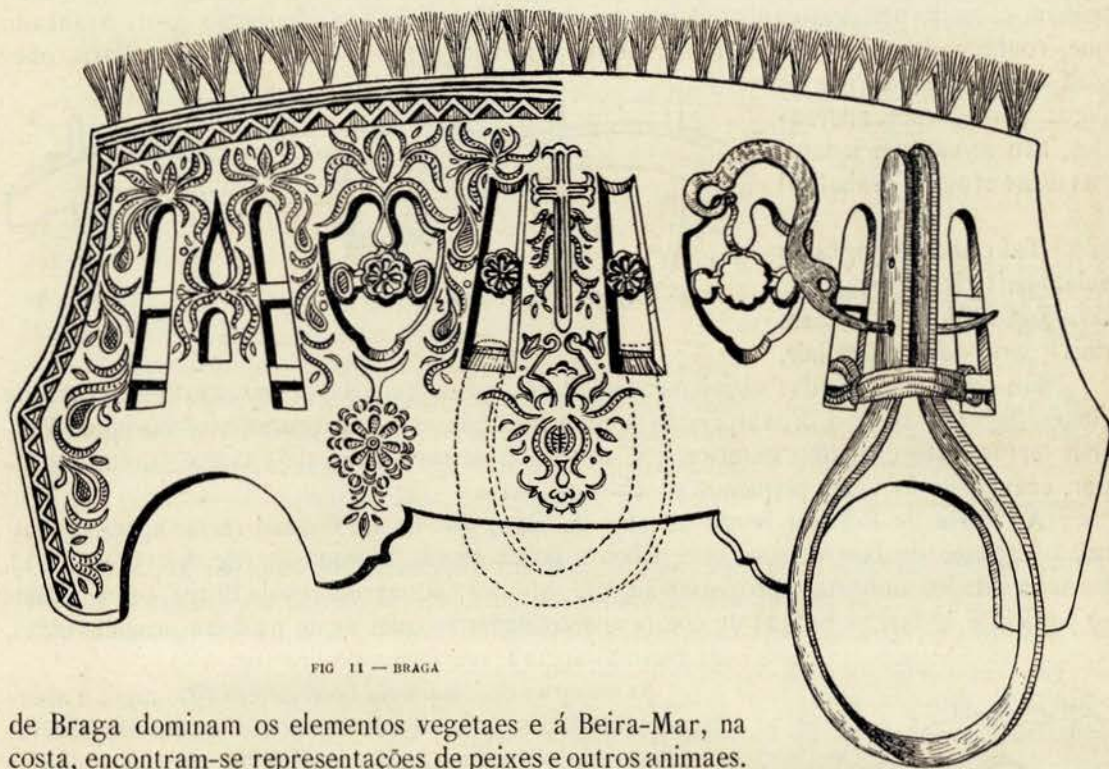


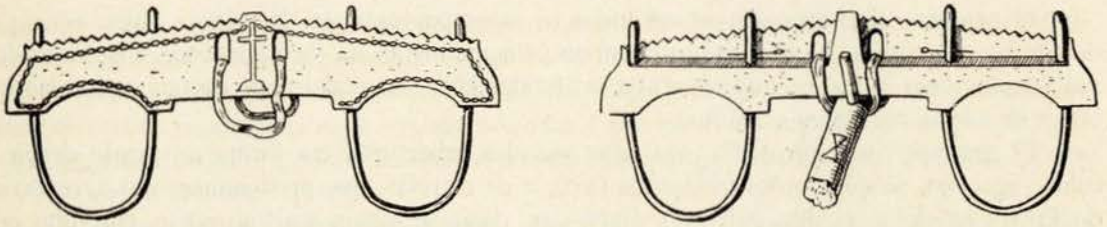
FIG. 11 — BRAGA

de Braga dominam os elementos vegetaes e á Beira-Mar, na costa, encontram-se representações de peixes e outros animaes.

Entre os jugos adornados do Douro e Minho encontram-se verdadeiras obras de arte, que assombram pela riqueza dos motivos decorativos. Compreende-se facilmente, porem, que quanto mais ornamentados os jugos forem, maiores, e, consequentemente, mais pesados se tornam; ha-os que pesam tres ou quatro vezes mais que um jugo de Coimbra ou de Lisboa. Pobres bois de raça barrosã (1) (fig. 18) que teem

(1) A raça barrosã, com corno grandes, procede de Barrôso, região montanhosa do Norte de Portugal. Essa raça diferencia-se muito de todas as raças bovinas do paiz e do estrangeiro (P. Nogueira).

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES



FIGS. 12 E 13 — ARGOS DE VAL DE VEZ — FACES ANTERIOR E POSTERIOR DE UM JUGO

de os transportar; se ao menos podessem apreciar o valor etnografico dessas demasiado pesadas obras de arte!

Esses jugos usam-se, sem distincção, para acarretar e para arar.

Não estranho que a sua forma e dimensões, em desacordo com a utilidade pratica, tenham causado pela sua exuberancia ornamental uma merecida admiração ao sr. Aranzadi, que, conhecendo apenas um exemplar do *Museu Etnografico* do Trocadero, em Paris, chegou á conclusão de que os jugos portugueses adornados, não se usavam indubitavelmente, no trabalho!

Tal como nos jugos do sul do paiz, da parte inferior dos jugos adornados saem dois pares de cangalhos.

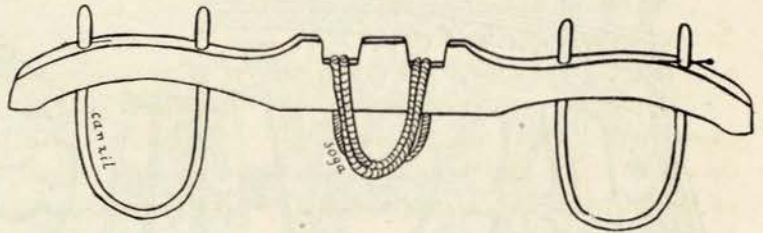


FIG. 14 — SANTA EUGENIA DA RIBEIRA (GALIZA)

Em certos lugares das vizinhanças do Porto, os cangalhos externos são desprovidos de côrtes (fig. 10, 20) e a broxa prende-se num furo que vara o canto inferior do jugo. Noutras terras, este cangalho exterior que se tornou desnecessario, desaparece, e, em seu lugar, cravam-se às vezes pequenos ganchos de ferro.

Ao norte do Porto a borda inferior do jugo, que no sul é quasi recta, apresenta sobre o cachaço do boi recortes que pouco a pouco se vão acentuando (fig. 9, 19, 20, 21). Essas cavidades aumentam progressivamente, até que, nos arredores de Braga, os cangalhos se perdem e ás largas broxas de couro se substituem as coleiras de madeira ornamentadas, da mesma largura, em forma de lira (fig. 11).

As coleiras encostam na face anterior do jugo, e apertam-se com laços, que por seu turno são atados em aberturas feitas de proposito. Cada uma delas, para que não se desprenda, é atrevesada por cima do laço com um alfinete largo, de ferro, frequentemente lavrado com arte (fig. 11). Os alfinetes pendem da parte superior do jugo presos de umas cadeiasinhas de ferro ou cobre.

Para prender as piças que ligam o jugo aos chifres do animal, usam-se por vezes, em vez de aberturas, 4 pontesinhas de ferro (fig. 10) cravadas na face anterior.

Se nos dirigirmos em linha recta para o norte, na

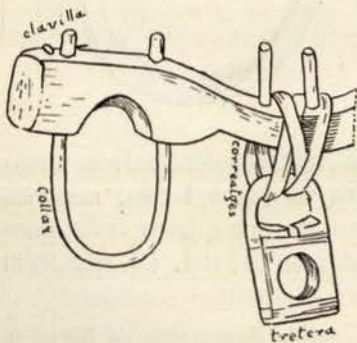


FIG. 15 — SORT (CATALUNHA)

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

dirção do concelho dos Arcos de Val-de-Vez, notamos logo que a ornamentação dos jugos empobrece, reduzindo-se quasi a recortes e desenhos vulgares, como cruces, sinos-saimões e grinaldas pobres. O Museu Etnologico, de Belem, possui um bom modelo deste tipo de jugo (fig. 12 e 13) alem de mais nove exemplares, ricamente esculpidos, dos arredores do Porto (fig. 19, 20) e de Braga (fig. 20, 21).

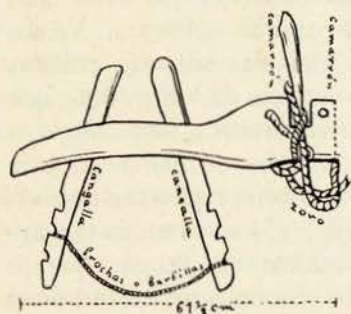


FIG. 16 — SANTIAGO DE GALIZIA

Subindo mais para o norte, desde os arredores de Vigo até ás Rias baixas da provincia da Corunha (Galiza) podemos observar um jugo (fig. 14) que diverge do dos Arcos apenas em lhe faltar a parte alta destinada na alfaia portuguesa a plano decorativo.

A figura 16 representa um jugo empregado em Santiago da Galiza, o qual, como se vê, é o mesmo usado no sul de Portugal, em Sines (fig. 4) e em parte, em Olivença, na Estremadura (Aranzadi) terra que outrora pertenceu tambem aos portugueses.

Translademo-nos agora para Este da Peninsula, ao povo de Sort, nos Pirineos Catalães, entre Aragão e Andorra, onde, como diz o sr. Aranzadi: «para lavrar o terreno muito declivoso, os habitantes usam o jugo de coleiras porque, segundo dizem, com ele se guiam melhor os animaes, nas voltas» (fig. 15).

Este jugo é tambem muito parecido com o usado em Santa Eugenia de Ribeira (Galiza) e na região portuguesa do concelho dos Arcos de Val de Vez.

Deste modo visitámos todos os lugares da Peninsula Iberica onde se emprega, para juntas de bois, o jugo de jungir pelo cachaço; nas restantes terras de Espanha (excetuando Galiza e parte da Catalunha) e no Nordeste de Portugal, fronteiro a Espanha, aguas do Douro arriba, jungem-se os bois pelos córnos.

A analise dos jugos anteriormente descritos permite-nos distinguir os dois tipos mais singelos de jungir: em Portugal, o jugo de Sines (fig. 5); na Galiza o de Santa Eugenia de

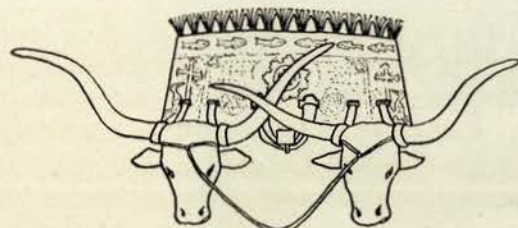


FIG. 18 — MINHO

Ribeira; um é de cangalhos, o outro de coleiras.

Os magnificos jugos adornados do Douro e Minho são apenas uma transformação artistica desses tipos primitivos.

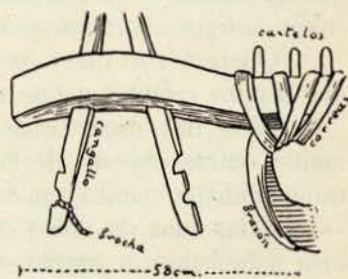


FIG. 17 — OLIVENÇA (ESTREMADURA)

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

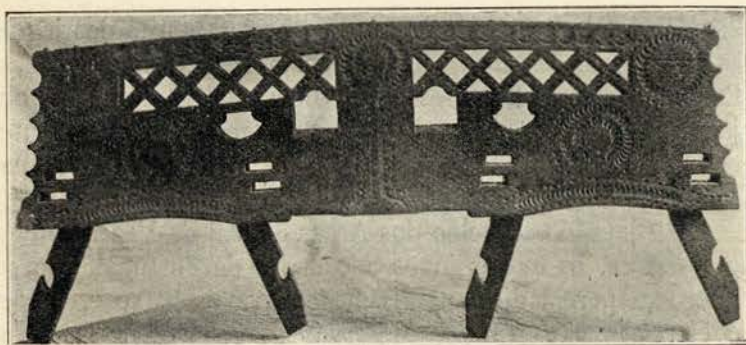


FIG. 19 — JUGO ADORNADO, DOS ARREDORES DO PORTO

prendem na face anterior da alfaia. Esta mudança de posição das coleiras, talvez fosse determinada pelo aumento da parte superior dos jugos.

Que mais acrescentar sobre os motivos ornamentaes dos jugos portugueses ?

No seu trabalho, escrito ha 34 anos, Leite de Vasconcelos chegou á conclusão de que os desenhos que representam corações, soes, estrelas, peixes, etc., são os vestígios de cultos antigos, hoje esquecidos, cujos emblemas desceram ao nível de simples ornamentos.

Quererá isto dizer, porem, que os jugos adornados com essas figuras pertenceram aos tempos remotos a que se reporta o autôr? Estou muito longe de semelhante suposição.

Alem dos jugos ornamentados com os motivos que se encontram generalizados em muitos outros objetos, de Portugal — a começar nos dolmens e a terminar nas alfaias de uso quotidiano, (muito bem esculpidas ou pintadas pelos camponezes), e nos adornos femininos — vi pelas ruas do Porto outros jugos enfeitados de desenhos e recortes de tipo micenico, bem semelhantes a insculpturas provenientes das *citánias* portuguesas.

Na mesma cidade vi ainda jugos, que, sob o ponto de vista do desenho em baixo relevo e do colorido, faziam pensar nos trabalhos mouriscos da Alhambra, o que não passa, sem duvida, de uma semelhança casual.

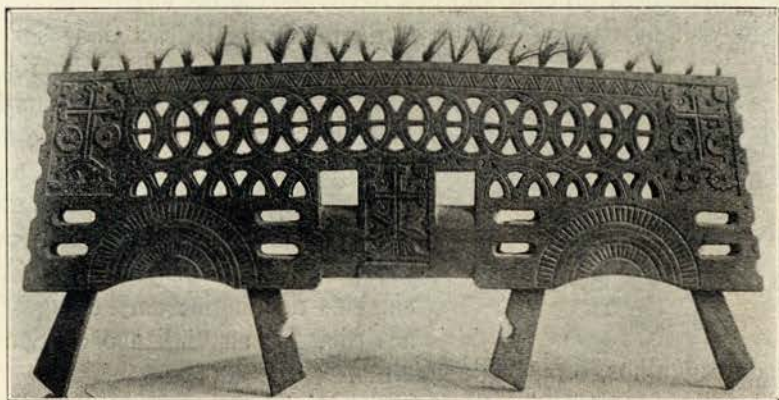


FIG. 20 — PORTO

CANGAS E JUGOS PORTUGUESES

Juntamente com os jugos decorados de motivos arcaicos, veem-se outros compostos na linha geral do *barroco*, mostrando uma modalidade moderna da ornamentação. E' pena que não exista uma obra mais antiga que se ocupe dos motivos ornamentaes dos jugos, para, com exactidão, podermos seguir as transformações na arte de os enfeitar.

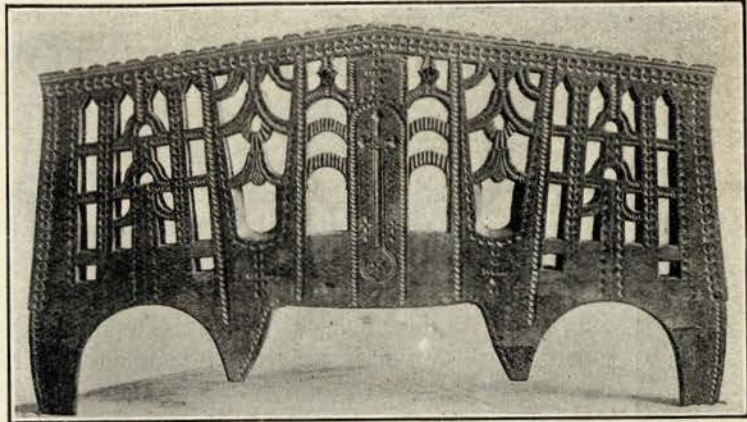


FIG. 21 — JUGO ADORNADO, DOS ARREDORES DE BRAGA

Seja qual fôr, porém, a origem dos ornatos das cangas do noroeste da península, é indubitavel que ellas representam uma secular manifestação de atividade artistica.

Os jugos adornados do Douro e Minho são um produto da viva imaginação artistica dos habitantes dessas duas provincias; e, pela riqueza dos motivos e dos estilos ornamentaes que neles se patenteiam, são tambem porventura, o mais curioso testemunho da arte popular do povo portuguez!

No capitulo seguinte falarei dos jugos da Peninsula Iberica destinados a jungir os bois pelos cónos; das diferentes maneiras de jungir os animaes de tiro nos paises do Velho e Novo Continente e dos diversos modos de jungir nos tempos antigos, para, finalmente, voltar de novo á Peninsula a ocupar-me do seguinte problema: como se jungiam os animaes na Antiguidade, e quem traria para o extremo occidental da Europa, essa arte?

(Desenhos e fotografias do Autor.)

EUGENIUSZ FRANKOWSKI.

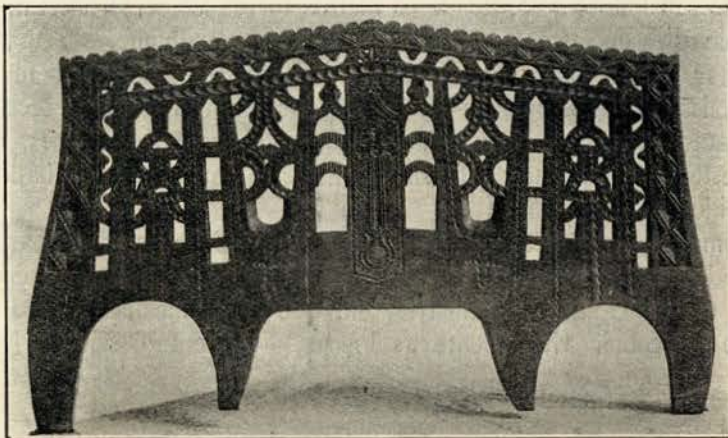
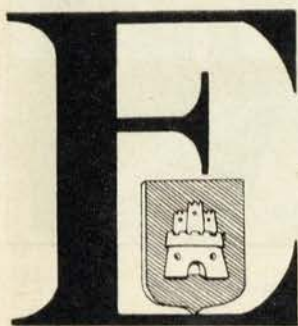


FIG. 22 — BRAGA

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS



ENTRE OS apontamentos colhidos em Torres Vedras, quando, em 1909, estudei alli azulejos e mais peças de ceramica, encontra-se o seguinte:

«Em Torres Vedras ha a pretensão de que a maior parte dos azulejos (differentes epochas), que guarnecem as suas egrejas e edificios civis, são productos da localidade».

O motivo desta attribuição justifica-se, até certo ponto, visto a tradição do fabrico da louça vidrada em Torres ter fama e datar, segundo alli se pretende, de epocha muito anterior ao seculo XVI (1).

E' possivel que assim seja. Mas o que é verdade, sobretudo com respeito aos azulejos, é que em muitos outros pontos do paiz se encontram typos eguaes aos que alli se vêem e não me parece que o seu movimento nesta especialidade fosse de ordem a poder fornecer em melhores condições — preço e mão-de-obra — a conseguir antepôr-se aos centros predominantes do paiz, como Lisboa, que ostentou, em todos os tempos, a primazia dessa producção. E, não obstante a natural influencia que a ceramica lisbonense devia ter exercido nos productos similares da vizinha Torres, haveria, sem duvida, como sempre succede, uma feição propria, especial, de fabrico, que se não encontra a caracterizar os ladrilhos vidrados que revestem muitas das paredes dos edificios da villa torreana.

O que não offerece duvida é que, na velha Torres, — cujo castello, onde os mouros edificaram mesquita, data do tempo dos godos —, houve, outr'ora, mais de uma officina de productos ceramicos.

Ainda não ha muito que a actual *rua Paiva de Andrade* se denominava *rua das Olarias*. Perto desta villa, está situada a aldeia do Barro, que naturalmente tomou este nome pela fertilidade do seu lodoso solo, donde os oleiros torreanos se forneciam, se não na totalidade, de uma parte essencial para a elaboraçào do seu vasilhame.

E' bom notar que os portuguezes que viveram nesses longinquos tempos tiveram o culto da sua profissào e conservaram-no dentro das familias durante seculos. Esses portuguezes de character deixaram assignalados, com allusivas designações, os pontos onde exerceram com estavel assiduidade differentes officios, e um dos que mais floresceram entre nós, nos tempos idos, foi a olaria.

Ha ainda um facto para attender: o da passagem da raça musulmana pela proxima Torres; e por onde o emprehendedor arabe e o sagaz mouro passaram e encontraram barreiros deixaram assignalada essa industria, em que eram mestres, tendo introduzido na Peninsula a arte de cobrir vitreamente as louças, — até então, sem abrigo preservador.

(1) Se se referissem a barros não vidrados, estava certo, pois que a quinta de S. Gião tem sido mina para os investigadores dos vasos romanos.

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS

Na *Ceramica Portuguesa*, livro posto a publico em 1907, em mais de uma referencia attribuí a Lisboa, com probabilidades, o fabrico da nossa faiança do seculo xvii, typo *Aranhões* — até então geralmente attribuido a Coimbra.

Accentuei, entretanto, que outros pontos do paiz teriam produzido louça com o mesmo caracter (1): — «E' de crer que estes typos se fabricassem em mais de um ponto do paiz. As localidades indicadas (para este caso, Lisboa) foram, porém, muito provavelmente, as creadoras desses padrões» (2).

Depara-se-nos agora um caso interessante, que se relaciona com o que então dissemos: um prato com a marca *Torres*.

De forma circular, tem a aba dividida em sectores por ornatos enlaçados e filetes concentricos. Alternam nos oito espaços *aranhões* e fructos (?) estylizados.

O fundo é coberto por um todo caprichoso, composto de animaes, arbustos floridos e, ao centro, uma figura triangular tocando com os vertices nas cabeças dos tres animaes, talvez coelhos.

Por vezes, tem-se a impressão de que tres *trapalhões* andam em volta do fundo do prato, animados pelo triangulo, a que parecem estar presos. Não se comprehende bem qual a ideia do pintor com semelhante composição. Traduzirá, porventura, tal arranjo uma ideia symbolica? Não sei. O que sei é que, se acaso se tratasse deste mesmo assumpto noutra peça que não fosse um prato de faiança, não me deteria tanto tempo em cogitações.

Na parte opposta e dentro do *frete*, a marca adiante reproduzida, nas dimensões do original.

Tal decoração descende das coisas orientaes que trouxemos para Portugal, não só louças como tecidos, e que começaram a impressionar-nos mais profundamente do fim do seculo xvi em diante.



PRATO MARCADO «TORRES» DO MUSEU DE STOCKHOLMO

(1) Não nos faltam documentos dessas faianças; e, se porventura faltarem algum dia, encontrar-se-hão nos quadros dos pintores seiscentistas portuguezes. Entre outros, alguns de Josepha de Obidos. No Museu das Janellas Verdes ha um desta artista e nestas circunstancias.

(2) Pag. 25.

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS

As côres da pintura são o azul e a côr de vinho; e o esmalte, branco melado.

Esta peça, que figura na secção respectiva do Museu de Stockholmo, é do typo *Ara-nhões, de grande formato* (1), e decorada com as côres características. Está descripta e classificada, no catalogo do referido Museu, como faiança portugueza do principio do seculo XIII (*sic*), marca TORRES.

TORRES.

Tenho como certo que esta informação só poderia ter sido fornecida por algum portuguez não estranho ao assumpto e como muito possivel que esse portuguez fosse D. Luiz I, sendo até verosimil que o dito prato fosse offerecido por este monarcha a Oscar II da Suecia, de quem era amigo, ou mesmo, directamente, ao Museu onde está exposto.

A inedita marca é constituida por letras capitaes, absolutamente do mesmo caracter das que se encontram nas peças do mesmo typo conservadas entre nós e até a tinta com que estão pintadas é do mesmo roxo escuro a que chamamos *côr de vinho*.

Finalmente, se a marca designa a localidade onde o prato foi manufacturado, e não o appellido do dono da officina ou do possuidor (2), conclue-se que a presumpção dos mais edosos filhos de Torres Vedras, com respeito á antiguidade da industria ceramica nesta villa, não é inverosimil.

Seja como fôr, o que não soffre duvida é que ficam, desde já, registados mais dois elementos para a historia da ceramica em Portugal: um centro desta interessante industria não apontado até agora e mais uma authenticação que nos era desconhecida.

A marca que deu origem a esta noticia foi-me fornecida pelo meu particular amigo o senhor Luiz Fernandes, que a copiou do original no alludido Museu, quando da sua ultima visita á capital da Suecia, e que, tão longe de Lisboa, se não esqueceu dos meus estudos e de quanto me interessam as coisas do meu paiz.

AZULEJOS

Começarei pelos que se encontram no ponto mais alto e dominante da extremenha villa, outr'ora sua vigia e defesa, que viu a seus pés tingir-se de sangue o rio Sizandro, sempre que lhe foi preciso pelejar.

Estão na *Egreja de Santa Maria do Castello*, — Nossa Senhora da Assumpção, — a mais antiga da villa, e cujas portas são do estylo romanico.

No corpo da egreja, um baixo silhar de azulejos (1^m,00 de altura), do primeiro quartel

(1) Mede de diametro, 388 cent. Noto esta particularidade, porque, nesta familia, são os pratos do typo grande que em geral se encontram. Pratos pequenos são raros.

(2) Cito destes casos na *Ceramica Portugueza*.

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS

do seculo XVIII; na sacristia, azulejos-padrão do seculo XVII, silhar ainda menos alto, pois apenas attinge o^m,70.

Egreja de S. Pedro. — O seculo XVI está evidentemente marcado pela porta principal e o resto do edificio corresponde, mais ou menos, ao estylo desta epoca.

Predomina aqui o azulejo-xadrez de dois typos: azulejos brancos dispostos obliquamente, entre tiras cruzadas, verdes ou azues, constituindo repetidas figuras geometricas, que se prolongam em parallelas diagonaes. Destes effeitos, compostos na parede, do mais simples ao mais complicado, contam-se por seis os typos que tenho encontrado pelo paiz, os mais antigos do seculo XVI (principio) e d'ahi até ao meado do seculo XVIII.

Do arco da capella-mór até á cornija é a parede forrada de azulejos-joalheria, eguaes aos da Egreja de S. Roque, em Lisboa, palacio Fronteira em Bemfica, Egreja de S. Dominhos, em Lisboa, etc. — todos dos ultimos annos do seculo XVI (1). Destes mesmos, mais se encontram noutras paredes desta mesma egreja, como tambem o azulejo-padrão a azul e amarello, do seculo XVII, e sómente a azul, do seculo XVIII.

Na passagem para a sacristia ou casa capitular (?), todo o alisar é a tinta azul. Figuras representando assumptos religiosos, uma batalha, etc., dentro de molduras historiadas, com pilastras, anjos, flores e ornatos.

São de cabeceiras recortadas e do typo dos que illustram os muros de S. Vicente de Fóra, typo que se encontra repetido por outros pontos do paiz.

No quadro grande, á esquerda, entrando, está, num degrau, que pisam as figuras centraes da composição, a seguinte legenda:

AUTHOR INVENT CLAUD. COELL. DELIN FRAN. HOUAT. SCULP.

São estes azulejos do seculo XVIII (segundo quartel?).

Na capella do sacrario, os azulejos representam: *O Casamento de Nossa Senhora*, a *Fuga*, a *Annunciação*, o *Senhor morto* e *Nossa Senhora da Conceição*. Datam do meado do seculo XVIII (2) e são a tinta azul.

Misericordia. — Na egreja, o silhar de azulejos é tambem a azul. Composições figuradas, com cercaduras, no genero das da egreja de S. Pedro, a que acabo de me referir, sómente com o perfil superior sem recorte. Na sacristia e corredor contiguo, os azulejos são da alludida côr e egualmente figurados, correspondendo talvez aos ultimos annos do reinado de D. João V.

Egreja da Graça. — A casa de entrada comprehende oito quadros, interessante silhar, onde se conta a vida do Beato Gonçalo de Lagos, prior do convento velho d'esta villa.

Toma posse do priorado do dito convento, anno de 1435.

Esta é a legenda que se encontra no primeiro quadro desta serie.

(1) A Hespanha tambem produziu este typo de azulejo.

(2) Os azulejos da capella da casa do senhor Joaquim Rodrigues da Silva, na mesma villa de Torres Vedras, jogam com estes, no assumpto e até no typo, e devem ser da mesma data, pouco mais ou menos. Na escada da casa, á esquerda, no primeiro patim, um guerreiro romano, tamanho natural, de azulejos. Até ao primeiro andar o alisar é composto de azulejos de motivo isolado, com figuras, flores e outros assumptos.

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS

Seguem-se mais sete, vendo-se no penultimo este graciosissimo letreiro:

«O Beato Gonçalo acompanhado do B. João de Extremoç aparece ao B. Frei Alvaro Monteiro, no anno 1554. Traz-lhe do Ceu tres pecegos; revela-lhe o dia da sua morte. O B. Fr. Alvaro foi porteiro do convento velho.» (1).

No claustro, em azulejos pintados na côr habitual e no seculo XVIII, vêem-se representadas scenas da vida D. Fr. Aleixo de Menezes, quando este prelado esteve em Gôa.

Numa das composições, é representada uma frota de naus portuguezas, com as bandeiras brancas e as armas de Portugal. Tem a legenda seguinte:

D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo primaz das Indias Orientaes. Fez entrada em Goa, em Setembro de 1595.

Numa galeota, vê-se o arcebispo dirigindo-se para terra, e, aqui, indios e europeus aguardam a sua chegada.

No quadro que se segue, alguns animaes do Oriente (2).

São estes historicos ladrilhos, do seculo XVIII.

Na sacristia e casa annexa, os azulejos dos silhares continuam do mesmo typo, tendo na parte superior das molduras, no fecho, o escudo augustiniano (3).

Na sacristia, debaixo do lavatorio, encontra-se a data dos azulejos, em algarismos, como se segue:

1725

No corpo da egreja ha azulejos-padrão, eguaes aos da Egreja de S. Pedro, que devem ser da primeira metade do seculo XVII (1683).

No enalço da janella do côro, em azulejos pintados a azul e quasi do tamanho natural, estão: dum lado, Santo Agostinho; do outro, Santa Monica. São do seculo XVIII.

Nas paredes lateraes da Capella do Senhor dos Passos ha dois quadros de azulejos (mesmo tom), representando o Senhor sob o peso da cruz. Mesma epoca.

Será bom notar, para a historia do azulejo nesta região, que, dos quadros do claustro da Graça, foram dois para o Varatojo. Estão na Capella do Noviciado, no terceiro pavimento.

De um delles, as legendas são as seguintes:

Na parte superior:

«*Celébra o Arceb.º Synodo na igreja de Diamper.*»

Na parte inferior:

«*Fas protestaço da Fé e da obed.ª ao Sumo Pontifice em nome de toda a christand.ª de S. Thomé e ao seu prelado.*»

Representa o Arcebispo paramentado, com mitra, e sentado na capella-mór de uma egreja, acompanhado de europeus e indios, homens e damas. No côro, musicos e cantores.

(1) Algumas das legendas dos outros quadros estão em mau estado.

(2) Segundo dizem, este quadro, quando completo, «representava toda a casta de animaes».

(3) Alguns dos quadros destas dependencias e do claustro acham-se privados deste symbolo.

LOUÇA E AZULEJOS DE TORRES VEDRAS

O outro quadro diz:

«O Arceb.º D. F. Aleixo de M.º procura reduzir á obed.ª do Pontif.º visita em a Igr.ª dos PP. da Comp.ª de Vaipicosa em o anno de 1599.»

O Arcebispo paramentado, com mitra, e sentado; na egreja, auditorio e, no pulpito, um padre lê um documento.

Pelo que rapidamente deixo notado, e está longe de ser tudo quanto possui de bons azulejos a Villa de Torres, se vê que, se não foi a notavel e velha *Arandis* a auctora d'esses ladrilhos tão attrahentes e festivos, que nos fazem esquecer, muitas vezes, a brutalidade das paredes dos grandes edificios, ella sabe poupar as coisas de Arte que a illustram. E como bem faz e bem pensa, fazendo e pensando assim!

Um dos grandes interesses das pequenas terras está na Arte que souberam adquirir, pouco a pouco, durante o seu desenvolvimento de vida e educação. Esse elevado peculio, cheio de delicadeza e de historia, representa, para ellas, uma valiosa fonte de receita. E' por elle que muitas vezes são procuradas e admiradas as villas, as aldeias, os mais reconditos logarejos. Portanto, será bom que os torreanos se não esqueçam de continuar a defender o que têm — os seus edificios, os seus azulejos, os seus quadros, o seu lindo chafariz de cinco faces, porque uma terra sem Arte é um campo arrasado, onde se não póde permanecer.

JOSÉ QUEIROZ.



ESCULPTURA POPULAR EM MADEIRA

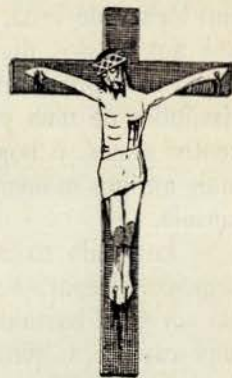
Das muitas industriasinhas rudimentares que floresceram nos *montes* e burgos rurais d'esse mysterioso e lindo Baixo Alemtejo, nenhuma egual, em graça e ingenuidade, o trabalho caseiro, hoje extincto, que produziu os crucifixos de madeira, tão populares nas feiras do districto de Beja.

Constituia, decerto, uma occupação auxiliar de gente simples da campina sul-alemtejana, como simples era a sua technica: a figura de Christo era esculpida á parte, á navalha — a cabeça cahida sobre um lado, o peito descarnado, uma toalha envolvendo os quadris — e, depois, pregada sobre a cruz.

A pintura compunha o resto: o cabello preto pelos hombros, a barba, a expressão de dôr, as feridas sangrando, a corôa de espinhos e o corpo todo em côr de rosa . . .

A cruz era pintada de côr de sangue — a côr caracteristica do mobiliario de Evora.

Um facto interessante mostra o sabor popular d'este trabalho: devido á pequena espessura da madeira empregada, provavelmente em taboa, a figura tinha sempre pouco vulto e apresentava-se muitas vezes desprovida de joelhos, o que o *artista* procurava disfarçar com manchas de tinta, a figurar sangue. Estes crucifixos iam, ás carradas, para a feira annual de S. Lourenço, em Beja, onde tinham larga venda, e mediam, de ponta a ponta da cruz, approximadamente, quarenta centimetros.



S. P.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

(Continuado de pag. 4)

N

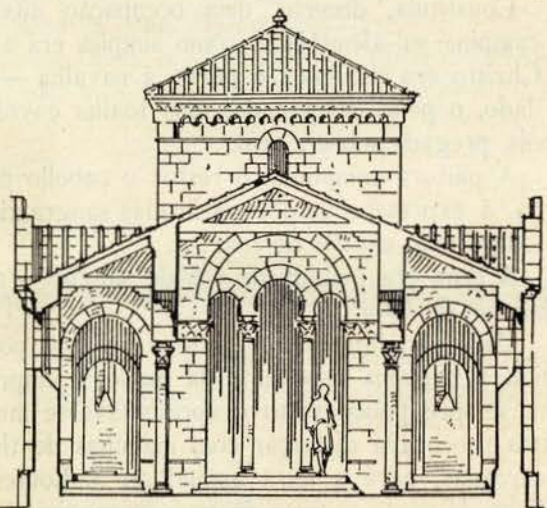
AS cercanias de Braga, num lugar onde os romanos haviam levantado um templo em honra de Esculapio e uma construcção que, segundo velhas memorias, era conhecida pela designação de *Torre Capitolina*, fundou o bispo de Dume e de Braga, S. Fructuoso, no seculo vii, para monges beneditinos, um mosteiro, que se denominou de S. Salvador, ou de S. Salvador de Montelios e, depois, de S. Fructuoso. Destruiram-no completamente os moiros, poupando, todavia, a igreja, que, apesar da dominação mahometana, continuou a ser dedicada ao culto christão.

Tempos depois, veio esse arruinado mosteiro a converter-se em propriedade de recreio dos prelados bracharenses, até que, em 1533, o arcebispo D. Diogo de Sousa o reedificou, doando-o aos capuchos de S. Francisco da Provincia da Soledade. Dêste facto lhe proveio a designação, ainda hoje corrente, de — convento de S. Francisco.

Volvidos quasi dois seculos — em 1728 — emprehenderam aquelles religiosos a construcção de um novo templo, — que ainda existe. Por um raro e felicissimo acaso, da primitiva basilica do bispo S. Fructuoso, que o padre Antonio Carvalho da Costa, auctor da *Corografia Portuguesa*, composta nos ultimos annos do seculo xvii, observa ser «lavrada em fórma de cruz, com vinte e duas columnas de marmore que a sustentam», chegou até aos nossos dias um fragmento, que, tendo triumphado, milagrosamente, das vicissitudes de uma existencia de mil e trezentos annos, é hoje, sem duvida, um dos mais antigos monumentos christãos da Peninsula.

Entrando na actual igreja pela porta principal, depara-se-nos, do lado direito, em um nivel bastante superior ao da nave, uma capella a que dão acesso quatorze degraus de pedra e cuja architectura denota logo, ao mais rapido e superficial exame, altissima antiguidade.

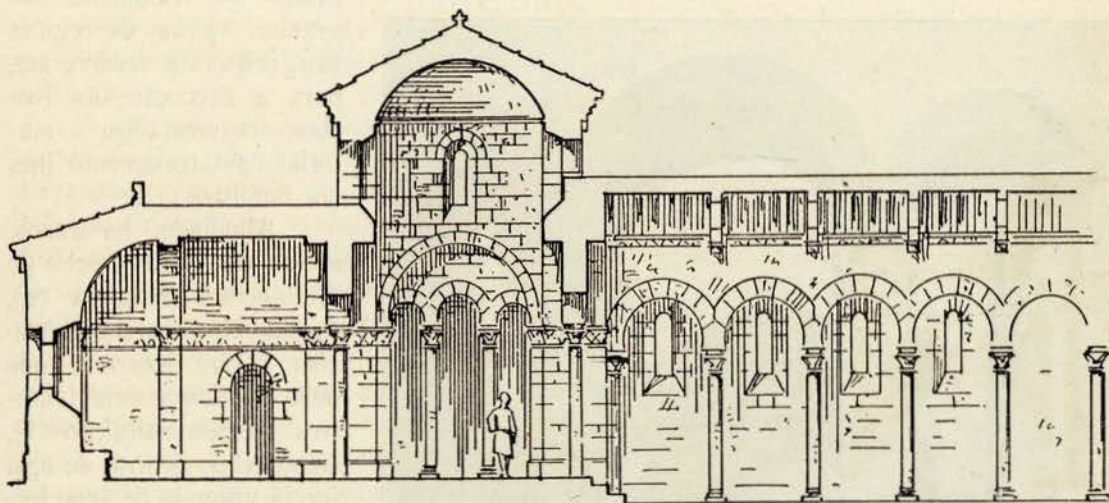
De planta quadrada, com 5^m,37 de lado, é constituida por quatro pilares entre si ligados por arcos de volta perfeita, que sustentam as paredes do edificio e tres dos



S. FRUCTUOSO — TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO PELO SR. E. KORRODI
(CÓRTE TRANSVERSAL)

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

quaes inscrevem uma triplice arcada, meramente ornamental, apoiada em columnas de marmore, cujo fuste mede 3^m e cujos capiteis, do mesmo modo que os das oito pilastras que



S. FRUCTUOSO — TENTATIVA DE RECONSTITUIÇÃO PELO SR. E. KORRODI (CÓRTE LONGITUDINAL)

guarnecem os pés direitos dos grandes arcos, são de typo classico e de uma execução relativamente delicada, em contraste com o aparelho tóscico das cantarias de granito, — ha annos ainda apparentes e agora rebocadas.

Nessas triplices arcadas, — que só não apresenta o arco que constitue a portada do pequeno recinto, de projecção rectangular, em cujo fundo se vê um retabulo, doirado e polychromo, do seculo xviii, e que era decerto o arco triumphal da abside da velha basilica, — nessas triplices arcadas, dizia eu, o arco medio tem, de vão, 3^m,3 e os lateraes sómente 0^m,55.

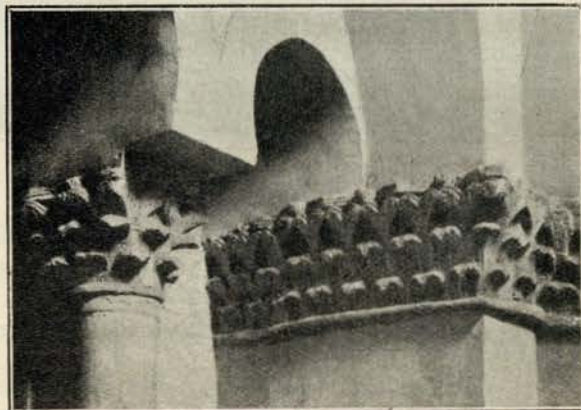
Nas paredes, actualmente revestidas de estuque, abrem-se pequenas frestas, com esbarro, — exceptuada a parede que se levanta sobre o arco da abside, em que nenhum vão existe.

Cobre o edificio uma cupula de tijolo, agora tambem estucada, de perfil um tanto abatido e construida sobre pendentes.

Observado exteriormente, offerece-nos este precioso fragmento o aspecto de uma lanterna pouco elevada, de secção quadrangular e coberta por um telhado de quatro aguas.

Nota-se que, sob um friso de marmore de trabalho cuidado, se enfileiram uns denticulos de granito, muito irregulares.

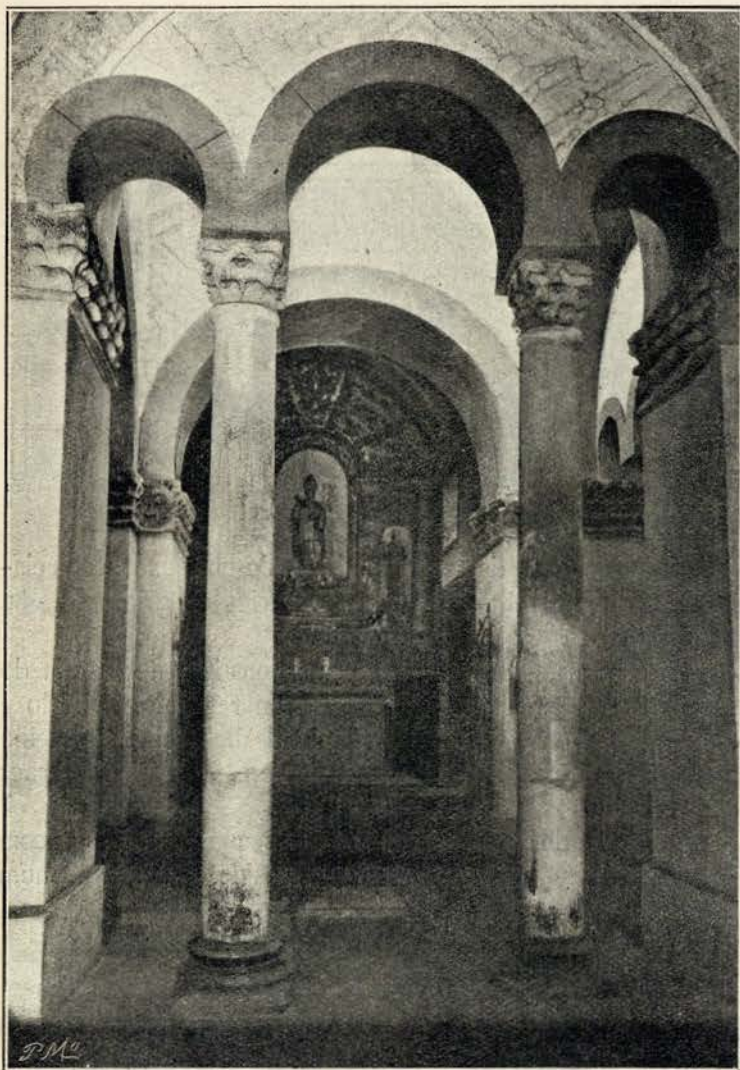
Mais, porventura, ainda do que no



S. FRUCTUOSO — CAPITEIS

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

interior, se accentua aqui o contraste entre o tratamento do marmore e o do granito, — contraste que nos leva a inferir, com o sr. E. Korrodi, «que os artistas constructores, igno-



S. FRUCTUOSO — INTERIOR

applicar-se a esse vão uma lanterna, porque se evitava assim a dificuldade de construir, no cruzamento das duas naves, a armação de madeira.

(1) *Boletim da Real Associação dos Architectos civis e Archeologos portugueses*, 3.^a serie, tom. VIII, pag. 18.

(2) *A Architectura byzantina*, dissertação de concurso, 2.^a ed., pag. 98.

(3) *Op. cit.*, pag. 19.

(4) *Historia de la Architectura cristiana española en la Edad media*, tom. I, pag. 171.

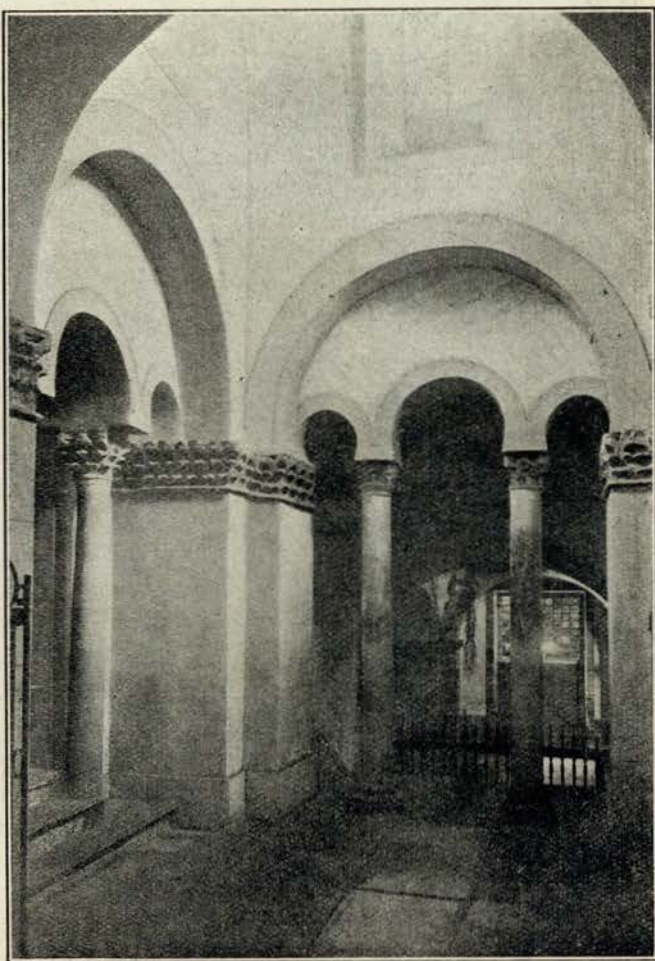
A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL

Se alguma influencia byzantina o trecho de que nos occupamos revela, essa influencia traduz-se na cupula. E', comtudo, de suppôr que a primitiva abobada da lanterna fosse tambem semi-espherica, mas cortada por quatro planos verticaes (1), e que a actual seja do periodo romanico, em que a applicação da cupula a vãos quadrangulares era por vezes realizada pelo processo byzantino, isto é, por meio de pendentes, — ou porventura, até, posterior.

A informação, já citada, do auctor da *Corografia Portuguesa*, deixando-nos entrever um edificio de planta rectangular com vinte e duas columnas, não permite suppôr que estejamos em presença de um baptisterio, como terá, talvez, occorrido a alguém. Os edificios destinados á administração do baptismo eram, geralmente, de projecção circular ou polygonal. A pequena igreja de S. Miguel de Tarrasa, que se crê haver sido o baptisterio adstricto á cathedral de Egara, é de planta quadrada.

Não pôde, tambem, admittirse a hypothese de ter S. Fructuoso christianizado o proprio templo de Esculapio. O facto, embora não muito vulgar, teria, é certo, precedentes. Mas a preciosa, embora summarissima, referencia da *Corografia* e a disposição do trecho que ainda se conserva, não autorizam, de modo nenhum, a identificação da igreja christã de Montelios com o templo romano alli consagrado ao deus da medicina.

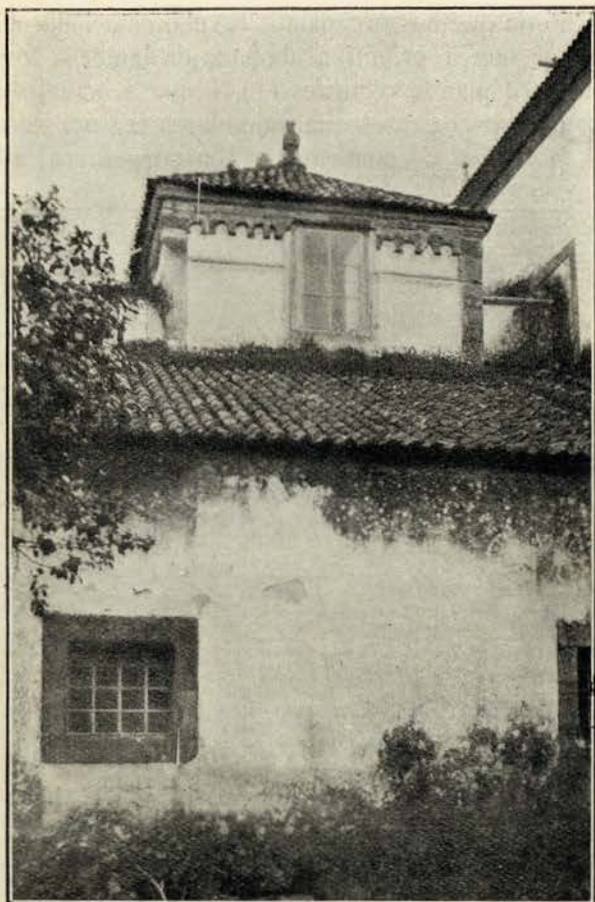
A feição classica dos capiteis? Mas é necessario não esquecer que, nos monumentos da alta Idade-media, a par de capiteis de evidente filiação byzantina, isto é, de fôrma cubica e revestidos de ornamentação pouco levantada, apparecem capiteis de typo classico, mais ou menos puro, — corinthios, ou compositos. E até nos seculos XI e XII, em pleno dominio da arte romanica, se manifesta ainda, por vezes, o classicismo, ora em reproducções quasi fieis



S. FRUCTUOSO — INTERIOR

(1) Abobada *baida*, segundo a terminologia hispanhola.

A ARCHITECTURA PRE-ROMANICA EM PORTUGAL



S. FRUCTUOSO — A LANTERNA VISTA EXTERIORMENTE

dos monumentos peninsulares medievos; e, influenciados por ella, ainda não ha muito os nossos archeologos consideravam as igrejas romanicas do norte e as sés de Braga, Porto, Lamego, Coimbra, Lisboa e Evora os mais velhos documentos architectonicos da nossa Idade-media. Hoje, porém, temos o direito de remontar até ao seculo VII; e são os proprios edificios, e não fontes litterarias, que nos conferem esse direito.

BIBLIOGRAPHIA. — *Um monumento byzantino-latino em Portugal*, por Ernesto Korrodi. (No *Boletim de Architectura e de Archeologia da R. Associação dos Architectos civis e Archeologos portuguezes*, 3.^a serie, tomo VIII, pag. 18-20. — *Archeologia christã*, por Albano Bellino, pag. 34-37. — *Memorias de Braga*, por Bernardino José de Senna Freitas, tomo II, pag. 212-215 e tomo IV, pag. 121-122.

(Continúa.)

D. JOSÉ PESSANHA.

DO ALGARVE



MOENDO MILHO (TAVIRA)

(Aquarela de Alberto Sousa)

Por um especialíssimo favor, consentiu o nosso Director artistico na reprodução deste quadro, destinado a figurar na sua proxima exposição de aquarelas.

A algarvia de Tavira, que, num interior mourisco-medieval, está triturando milho dentro de uma ceira de esparto, com sua mósinha de mão, é uma figura de sabor tão primitivo e original, que, difficilmente, artista ou etnografo poderiam encontrar melhor documentação de uma sobrevivencia de tempos remotos.

A *mola manuaría* de origem pre-romana atravessou assim mais de dois milénios, para, fidelissimamente, nos conservar a visão de como, na moagem caseira, trabalhavam as trigueiras autoctones ibericas...

LIMONADAS DAS ROMARIAS



AS tardes vermelhas de maio, sol, poeira, vento, as romarias dos arrabaldes portuenses eram, ha vint'anos, uma aguarela cantante de movimento e de colorido. Gritavam papoulas nos campos, regatos retremiam espertos, violas zeniam estridulas, os morteiros echoavam pimpantes. Senhora da Hora e Senhor de Matosinhos, Senhor da Pedra e S. Bento *das peras*, impossivel lembrar agora a arraialada que, cada domingo, ora num ponto, ora noutro, por Paranhos, por Quebrantões, por Ermezinde, por Valadares — eu sei lá! — azoavam a alegre alma do norte, farfalhante que nem vinho verde, buliçosa que nem frescata de melros. . .

Toda a serie de bailaricos rodeiros sobre o chão trigueiro, todo o *folk-lore* lusitano, melodisado em gargantas sadias, toda a grita barbara de assobios e cornetas da olaria de Vila Verde e Moléros, a romaria era o que-quer-que fosse a nos estremecer os nervos, numa emoção bizarra.

— Limonada, limonada doce de cavalinho!

Com a estampa benta do orago pregada no chapeiroz braguez, jaqueta ao hombro, onde sobressahia a manga da camisa alvissima, na dextra o cacete de lódo, brunido e vigoroso, o romeiro saracoteava-se nessa pompa feita de abelhas de ouro, de que só o norte conhece a origem mascula e insigne. A banda, no coreto de taboas pintadas, alternava, ao acaso, a *polka janota* e o hino da Carta, e pela mancha glauca dos pinhaes o sol estendia colgaduras de ouro, e pelas estradas os *char-à-bancs* iam formando bicha, e pelos combros toca a distender toalha, onde a merenda de savel frito, obrigado a rascante, vae começar. . .

— Limonada de cavalinho! Limonada fresca!

Entre a poeira sangrenta, que torvelinhava sobre o logar como a fumarada dum saque, entre o vozido das cantigas e dos doestos, que estrugia como ás imprecações dum assalto, o pregão das limonadas assemelhava-se a um *refrain* ameno, que nos obrigasse mui suavemente a nelle atentar. Os mendigos lamuriam a sua historiela de dramaticos lances, a desordem no arraial estoura numa trabuzanada de varapaus mugindo, o baile rodeiro prime-se de novos pares, que, leveiros, se sarabandeiam.

Não importa! O pregão fino e docil penetrava ainda a nossos ouvidos, sugerindo a fresca verdura cercante, a par que o suor transcorria dos pescoços, engorgitados de sol, das cantigas e da folia!

— Limonada doce, limonada de cavalinho!

E' uma garganta sonora de cachópa, vestida, como, de resto, todas as vendilhonas na romaria, da mais entusiastica còr e graça, quem o emite, dando-nos a illusão dum balancear de ramo verde sobre a calma que já nos oura a cabeça. Tipicos os copos em que a limonada reluz na sua frescura longinqua, tipico o modo de haurir a poção em taes copos, exposta á poeira rude e ás guelas sedentas.

Dir-se-hiam a estilisação duma flôr de liz, esses copos moldados, de vidro esverdinhado,

LIMONADAS DAS ROMARIAS

que passam dum a outro arraial, desencalmado os devotos de algumas dezenas de figuras do *Flos-Sanctorum*. Raiados de cima a baixo, largos de bôca e largos na base, o colo terá, em regra, a espessura dum dedo polegar, aso concedendo a serem erguidos, como uma taça, para um brinde ofertado á coral magnifica que era, em tardes vermelhas, uma romaria nos arrabaldes portuenses. A prumo e mergulhado no liquido louro, um tubo de lata, em regra patinado do uso e do tempo, terminava, da parte liberta, por outro menor, formando angulo recto. Simples, devéras simples.

Um tal aparelho, que dava nome especial á limonada — *limonada de cavalinho*, foi, sem duvida, o ancestral brioso da palhinha brunida e branca que as *brasseries* do *boulevard* haviam, mais tarde, de disseminar pelo mundo. O liquido decorria com lenticões mitigantes, entre o copo gemado e a guéla sequiosa, sorvia-se a pausados góles saboreantes, imprimia com requintes a fresquidão que perdura e estimula e desnerva.

— Limonada doce! Limonada de cavalinho!

A não ser propriamente no termo portuense, não me lembra haver topado com artificio assim caracteristico. Os copos esverdinhados, talvez a estilisação da flôr de liz heraldica, passaram das mesas de pinho dos arraiaes para o *bric-à-brac* dos antiquarios, na sua menor parcela, e a maioria delles foi feita em estilhas, na desordem enorme em que se anda a dar cabo das coisas lindas da nossa terra.

Acaso sei dalguns, poucos. Guarda-os uma familia das mais illustres de Portugal e servem em festas regionaes, dadas num dos mais belos solares do norte, a serem erguidos por dedos gentilissimos, emquanto um côro entôa cantigas do povo e as violas trinam saudades, que fazem scismar, dolorosas. . .

SEVERO PORTELA.



PROCESSO PRIMITIVO DE CONTAR NAS VINDIMAS DO DOURO

E' geralmente sabido que, á maneira dos selvagens da Polinesia e da Nova Caledonia, certos europeus — entre nós, por exemplo, os vendeiros, forneiros e pastores analfabetos — conservam processos muito primitivos de contar, sem recorrer a numeros.

Nas vindimas do Douro Superior, alguns feitores empregam ainda, para fixar o numero de cestos que enviam para os lagares, uma vara quadrangular, que vão entalhando de córtezinhos horisontaes. Quatorze córtes representam, pouco mais ou menos, uma pipa de vinho. Chegados a essa conta, traçam uma cruz aspáda e continuam a marcação

× | | | | | | | | | | | | | | | | × | | | | | | | | | | | | | | | | ×

como anteriormente. Quando chegam ao fundo de uma das esquinas passam á outra, e assim sucessivamente, até encher as quatro arestas.

Identico sistema de marcação adotam os mesmos feitores para assinalar o numero de homens que tomam parte em cada carroto.

As *moças* que andam no cóрте da uva costumam tambem riscar na aba da cesta os dias que trazem de vindima.

V. C.

TAPETES DE ARRAYOLLOS

II

COMO MORREU UMA INDUSTRIA ARTISTICA.—O SEU RESURGIMENTO.—TENTATIVAS DIGNAS DE LOUVOR.—A OFFICINA DA «ESCOLA INDUSTRIAL DA CASA PIA DE EVORA».



ASSOU mais de meio seculo sobre a extincção da industria de bordados em Arrayollos, pois, para o seu estudo, não devemos considerar como productos da sua ultima phase os trabalhos isolados e encaracteristicos d'algumas senhoras arrayollenses.

E' certo que, n'aquella villa do Alentejo, se conhecem ainda os processos da tinturaria caseira e se fazem bordados com o ponto das velhas tapeçarias; mas nem por isso devemos pensar que a industria chegou até nossos dias.

O trabalho popular cessou ha muito e só esse podiamos considerar como auxiliar da faina dos campos e constituindo, portanto, uma arte industrial.

De resto, para que fallar dos tapetes bordados sobre «toile d'emballage» e tendo por motivos cães e gatos enroscados — a imitar os modernos, estampados — que hoje se bordam em Arrayollos? A tradição não conseguiu, como em tantos outros labores artisticos do povo, evitar esse triste deturpar da Arte portugueza.

Permittam-me, pois, que eu dê como extincta ha cincoenta annos a linda industria alemtejana. Moribunda já, n'esse periodo de decadencia que fôram os dois ultimos terços do seculo XIX, não pôde resistir á corrente modernizadora, que condemnava, por antiquada, a sua technica simples e primitiva. E', portanto, uma resurreição o que pretende effectuar o movimento ha poucos annos encetado em seu favor.

Mas essa bella iniciativa de José Queiroz, o apaixonado defensor das nossas artes decorativas, não teve, em Arrayollos, o reflexo que podia esperar-se do bom acolhimento que lhe dispensaram algumas illustres senhoras de Lisboa.

Alli, onde mais seria para desejar que resurgisse essa arte caseira, visto tratar-se de uma industria local, nem um só adepto encontrou, nem de um gesto de applauso foi merecedora! Hoje, decorridos dezeseis annos, Arrayollos não tem ainda uma escola profissional feminina, que fomentesse esse resurgimento, não tem, sequer, uma simples officina, mesmo particular, onde trabalhem mulheres do povo.

E quanto, alli, seria util e interessante a obra, bem dirigida, de uma escola!

Na primavera, grupos de raparigas, por turnos, exercitar-se-hiam no tingir das lãs e na tecelagem da grossaria de estôpa, para que, inverno fóra, quando se larga cedo dos campos e as noites são grandes, nada faltasse no bordar quente dos tapetes.

A reproducção e o restauro dos velhos exemplares, a introducção de novos padrões, baseados nas tapeçarias persas ainda existentes no paiz, o matiz e o ponto, ambos obedecendo a determinados preceitos, seriam, então, objecto de um meticuloso ensino practico.

TAPETES DE ARRAYOLLOS

Com uma directora intelligente, artista, e uma verba infima, monta-se uma escola profissional em Arrayollos. Hoje, ainda se encontrariam mestras para as tres officinas — tecelagem, tinturaria e bordado. D'aqui a alguns annos, talvez seja tarde. Porque se não faz, agora, em Arrayollos, o que se fez já, em Peniche, com as rendas de bilros?

Como eu desejaria vêr, n'uma casinha alegre, toda caiada de branco e emoldurada em barras de almagre, este letreiro suggestivo: «*Escola profissional feminina de bordados de Arrayollos*».

As tentativas a que algumas senhoras de Lisboa e de outros pontos do paiz se têm dedicado, nem só como interessantes trabalhos de reconstituição as devemos encarar, pois têm muita importancia nos resultados a alcançar com uma iniciativa que vise, directamente e em Arrayollos, o resurgimento da industria popular. São, portanto, além de merecedoras dos maiores louvores, dignas, tambem, de algumas considerações.

Já restaurando velhos tapetes, já bordando outros, copia de antigos padrões, essas obreiras illustres, entre as quaes é justo destacar as senhoras D. Maria Castello-Branco de Arantes e D. Maria Adelaide Caminha da Silva Pessanha, foram, a bem dizer, as iniciadoras do movimento que tornou conhecida a obra das obscuras bordadoras de Arrayollos.

Os seus trabalhos devem, portanto, a meu vêr, basear-se sempre n'essa obra, simples, mas característica, ingenua, talvez, mas genuinamente portugueza.

Algumas centenas de tapetes, que se conservam nas collecções particulares e nos museus, esperam que mãos habilidosas os reproduzam.

Para que introduzir, pois, desenhos novos, se os velhos bordados nos fornecem as mais inspiradas composições, desde as copias rigorosas das tapeçarias persas aos motivos traçados a lapis sobre o canhamação pelas proprias bordadoras?

A decadencia da industria começou quando foi esquecida a sua origem — reproducção, em bordado, dos tapetes orientaes — e êrro é, decerto, insistir, agora, em desviá-la do seu primitivo caracter.

Duas difficuldades contrariam, porém, o exito de todas essas tentativas: a falta de grossarias, tecidas manualmente, em que se possa bordar, e a quasi impossibilidade de se obterem lãs tintas pelos processos tradicionaes.

De muitas dezenas de tecidos populares que tenho encontrado em todas as provincias portuguezas, só dois me pareceram apropriados para os bordados de Arrayollos: uma especie de grossaria, usada para fazer saccos, tecida em Odeceixe (concelho de Aljezur) e uma estôpa fina, ainda hoje á venda em Oliveira d'Azemeis, que muito bem se poderia applicar nos restauros e copias de tapetes bordados sobre linho.

A grande maioria das grossarias que se tecem em Portugal — no Algarve, principalmente — tanto por processo manual como mechanico, é inapplicavel a estes trabalhos, pois a imperfeição da urdidura não permite bordar sobre ellas.

Na fabrica dos srs. Calvente & Syder, em Lisboa, fornecem, por encomenda, um tecido um pouco semelhante ao antigo canhamação caseiro, mas com o emprego do qual se não consegue dar aos bordados a desejada flacidez.

A segunda difficuldade é, no entanto, de menos facil solução.

TAPETES DE ARRAYOLLOS

Em Evora, na «Escola Industrial da Casa Pia», a que depois me referirei, preparam e tingem lãs pelas velhas receitas; mas, como é natural, exclusivamente destinadas aos bordados feitos n'aquelle estabelecimento de ensino; em Arrayollos, além dos interessantes trabalhos de tinturaria realizados pelas senhoras D. Angelica Perdigão de Carvalho e sua irmã — ultimas e dignas representantes de muitas gerações de bordadoras e tintureiras laboriosas — creio que só existe hoje a curiosidade de um sapateiro, que tingem lãs nas horas vagas.

Sob a minha pouco auctorisada direcção, têm-se realizado ultimamente, em Lisboa, algumas experiencias, cujos resultados julgo dever tornar conhecidos.

A tinturaria de Arrayollos, tal como a descreveu Cunha Rivara, baseia-se toda em quatro córantes: o anil, o pau do Brasil — ou pau rainha — o lirio e o trovisco.

Com excepção do anil, que raras vezes é de boa qualidade, todos os outros se podem encontrar facilmente e bem assim os restantes ingredientes.

Ao cabo de repetidas tentativas, que a pratica, pouco a pouco, ia auxiliando, conseguiram-se, primeiramente, as tres côres mais facéis de obter com pau rainha: a côr de carne, a côr de rosa e o encarnado; depois, trabalhou-se muito para se alcançar o rôxo e, por ultimo, compoz-se esse vermelho lindissimo da primeira epocha.

Seguiram-se os ensaios com o lirio, egualmente coroados de bom exito, pelos quaes se obtiveram os tons que têm por base este córante: a côr de palha, o amarello claro e o amarello torrado. Quanto aos azues e aos verdes, ainda se não conseguiram resultados satisfatorios, pela difficuldade, já apontada, de encontrar um bom anil.

O anil que vulgarmente se vende em Lisboa, creio que de prodencia allemã, não dá à lã um azul vivo e espelhento, mas sim uma côr acinzentada e fraca, impossivel de se escurer e fixar.

D'estas experiencias resultou, portanto, o conhecer-se praticamente o processo de se tingirem oito côres, ou tons, da polychromia de Arrayollos.

Depois d'estas minhas ligeiras considerações, mais facilmente se poderá avaliar o esforço de quem, vencendo tantos obstaculos, conseguiu, pelos seus trabalhos, pôr em destaque uma arte portugueza, quasi ignorada, e melhor se comprehenderá o motivo por que eu desejaria vêr confiada ao ensino profissional a missão de a fazer resurgir.

De facto, só uma escola poderá manter officinas onde tudo se produza, desde a grossaria aos bordados, orientar com os seus productos o trabalho particular, operar, enfim, o regresso da industria ao seio da população rural de Arrayollos.

A' «Escola Industrial da Casa Pia de Evora», onde existe uma officina especial, compete impulsionar esse resurgimento, e estou certo de que o conseguirá, pois conheço o enthusiasmo e o carinho que ás industrias artisticas alemtejanas dedicam o seu organisador, o senhor Carlos Monteiro Serra, e sua irmã, a distincta professora, senhora D. Angelica Monteiro Serra.

Quando, n'essa officina, fôr montado um tear manual para a tecelagem da grossaria, e a todos os outros trabalhos alli effectuados fôr dado maior desenvolvimento, de fórma a garantir uma producção regular, a extincta industria dos tapetes bordados de Arrayollos entrará, então, na sua quarta epocha — o renascimento.

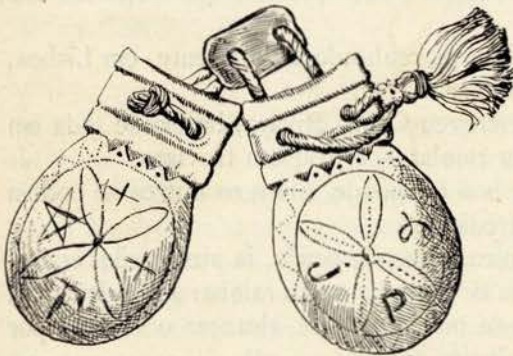
(Continúa.)

D. SEBASTIÃO PESSANHA.

NOTAS

CASTANHOLAS ENFEITADAS

Nas mais insignificantes cousas creadas ou adotadas pelo povo aparece sempre, como um selo infalível de primitividade, a sua arte propria, singela e tradicional. Se até nas castanholas, os estridulos grilos da musica popular, essa arte se manifesta exuberantemente, enchendo de entalhes e recortes as pequeninas conchas sonoras de buxo ou laranjeira...



CASTANHOLAS DO DOURO

Tenho como certo, que as primeiras castanholas foram fabricadas das mesmas valvas, duras e brancas, de moluscos, que, nas estações neolíticas vizinhas do oceano, aparecem com abundancia, e que se distinguem das conchas cujo conteúdo foi aproveitado na alimentação, por estarem todas furadas na parte mais estreita. Aplicou-as o homem primitivo para formar enfiadas, que, como os selvagens atuaes, prendeu nos braços e nas pernas, no pescoço e na cintura. Daí a aproveitá-las, duas a duas

ou em conjunto, para ritmar com o seu ruido as evoluções das cerimoniaes religiosas ou guerreiras, ia um passo apenas. E tanto isto é plausivel, que, ainda hoje, o nosso povo da beira-mar adota de preferencia castanholas de valvas de moluscos, mais faceis de arranjar e de som mais agudo que as de madeira.

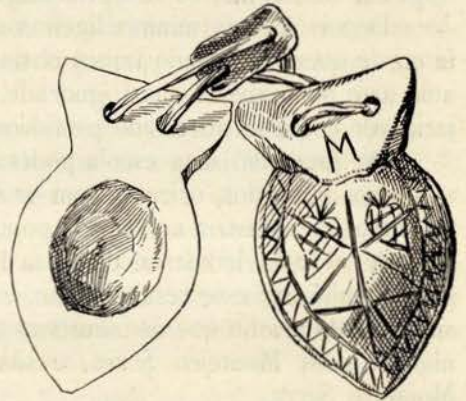
Por todo Portugal se encontra espalhado o uso das castanholas, cujo nome se deturpa ou se modifica — castanhetas, carchanholas — segundo as localidades; em todas as nossas provincias se encontram tambem exemplares enfeitados, seja nas conchas, seja na parte superior, onde se faz as ligações das valvas.

A ornamentação é geometrica, fitomorfica, ou inspirada em sentimentos amorosos: linhas quebradas, reticulado, rosetas, flôres e os infalíveis corações floridos. Algumas mostram o nome do possuidor, em iniciaes, ou por extenso, e a data da feitura.

Ha-as circulares, em fórmula de ovo, em geito de selo gotico, etc. De qualquer madeira se fabricam; as mais finas, porém, são de buxo, laranjeira ou limoeiro.

No Norte e Beiras usam-se tambem, além das castanholas vulgares, umas castanholas especiaes, alongadas como reguas, para bater ás mãos ambas, em geito de matraca. Marcam a cadencia nas danças de ródá. Como são grandes (mais de 0,2 de comp.)

proporcionam campo mais largo aos devaneios artisticos do possuidor e, por conseguinte, aparecem mais sulcadas de desenhos. Algumas tomam a forma de cara — especie de *Jano bifronte*, quando fechadas — rudemente esculpidas, e encarnadas por vezes com cores violentas.



CASTANHOLAS TRANSMONTANAS

V. C.

«COSSOIRO» DO BAIXO-ALENTEJO

Cada região do país se diferencia das que lhe ficam chegadas, muitas vezes por cousas que, de relance, são consideradas de mínima importancia; pelo tom das vozes e pela doçaria, pelo geito de colocar o lenço, ou pela arte de lavar a madeira, em obras de feição primitiva. Assim, poderemos apontar e reconhecer, entre mil, um *jugo* do Entre Douro e Minho, um *cambo* dos arredores de Coimbra, uma *róca* de Alcobaça, uma colher do Alto Alentejo e um *cossoiro* do Baixo Alentejo e do Algarve.

O *cossoiro* (em latim, *verticillus*, em

italiano, *fusaiuolo*, nomes por que é mais conhecido na terminologia scientifica universal), é um volante de madeira, de fôrma conica, que se usa cravado numa haste de ferro, comprida mais de 0,025, torcida junto do *bico*, e que serve de *fuso* nos teares do Baixo Alentejo e da região de serrinhas algarvias que se lhe seguem.

Difícilmente se encontrará peça lavrada com maior cuidado e minucia. Dadas as suas dimensões exiguas (raro um *cossoiro* tem mais de 0,06 de diametro), a delicadeza da factura ultrapassa tudo o que de melhor conhecemos na arte popular.

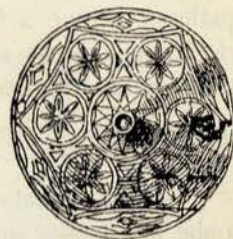
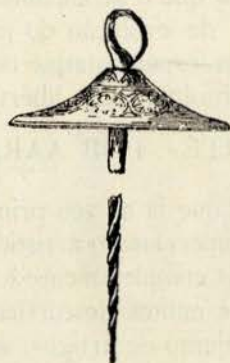
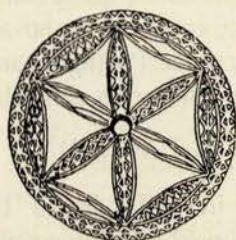
O principal motivo da sua ornamentação é a roseta sexifolia, que aparece cortada em inumeros *bordados*, já com o fundo simples e folhas todas diferentes, já orlada de cercaduras que são verdadeiras maravilhas de delicadeza. O que vae representado junto pertenceu ao Museu de Beja («Arch. Port.», VIII, p. 169); suprimiu-se no desenho, para não alongar demasiadamente a figura, parte da haste do fuso.

Em Portugal, encontram-se desde os tempos preistóricos, em estações ao ar livre e em sepulturas (grutas de Cascaes e de Palmela), *cossoiros* de barro, absolutamente iguaes aos modernos de madeira. Estes continuam, pois, uma tradição multiseccular. Em França, na Italia, no Norte de Africa, encontram-se ainda *cossoiros* de barro; são extraordinariamente interessantes os *pesons de fuseau* ou *fusaióles* de faiança dos Pirineos francezes, brancos, salpicados de florinhas azues, verdes, amarelas e vermelhas, de gosto oitocentista.

Em volta de Mertola, os *cossoiros* são de ferro recortado e, em outros pontos, até de cortiça.

A arte da tecelagem, a mais delicada das artes, anda sempre acompanhada de accessorios, que o povo conscientemente se esforça por embelezar: num ponto, os *campos*; noutro, os *pesos*; aqui, os *cossoiros*.

Nas escavações de Hissarlick, a Troia de Homero, como nas nossas estações do bronze e ferro, aparecem *cossoiros* ornamentados. Pelo visto, sempre o homem considerou estes humildes aprestos de trabalho como dignos da sua atenção e carinho.



(Desenho de Luiz Coscero)

«COSSOIRO» DO BAIXO-ALENTEJO VISTO SUPERIORMENTE, DE PERFIL E INFERIORMENTE

CRONICA

AS CANGAS E JUGOS PORTUGUESES DE JUNGIR OS BOIS PELO CACHAÇO

O notavel etnografo polaco Eugenio de Frankowski teve a bondade de enviar-nos, para o numero de Março, o artigo com que abre a Revista.

O valor deste trabalho, que não nos fica mal enaltecer, é aumentado pela quantidade e perfeição dos desenhos que o acompanham. Por estes, quasi sem recorrer ao texto, pôde qualquer seguir a linha de evolução do jugo de cachaço, no nosso paiz, e adquirir a convicção de que as cangas ornamentadas do norte de Portugal são só nossas, de ideação e arte bem portuguezas, absolutamente libertas de influencias estranhas.

«CHRONICAS DE ARTE», POR AARÃO DE LACERDA

Aarão de Lacerda, que já no seu primeiro livro «Da Ironia, Do Riso e da Caricatura» soube mostrar-se um temperamento artistico original e vigoroso, vem agora, com este novo volume, revelar-nos mais completamente a sua personalidade complexa de esteta, de investigador e de critico, que muitos descortinavam já atravez das suas cronicas nos jornaes, mas que agora, num conjunto de artigos, se pôde apreciar melhor.

O seu belo livro, ésmorada edição da «Renascença Portuguesa», acompanhado de interessantes e bem escolhidas illustrações, traz, com o artigo sobre *Arte Romanica*, uma serie de reproduções de fotografias de Marques d'Abreu, representando uma janela da igreja de Cerzedelo, o interior de Travanca, igreja de Rio Mau, porta principal de Vilar de Frades e um detalhe da mesma, porta da igreja de Ferreira, notabilissima, tumulos de Egas Moniz e de D. Pedro, conde de Barcelos (Tarouca).

«ATLANTIDA»

No seu 5.º numero, esta magnifica Revista, que é uma das nossas mais fecundas lições de amor patrio, teve a bondade de, efusivamente, nos desejar as melhores e mais sinceras boas-vindas.

Quando uma publicação como a *Atlantida* se digna acolher-nos tão favoravelmente, dá-nos a certeza de vencer. Cordealmente lhe agradecemos, pois, as suas boas e nobres palavras de apresentação, que, além de tudo mais, nos abrem as portas do Brasil.

A *Atlantida* traz magnifica colaboração literaria e artistica, de Costa Mota, Pinto do Couto, Manuel Gustavo, Guerra Junqueiro, Mattos Cid, Celso Vieira, Olavo Bilac, Augusto Casimiro, Garcia Redondo, Campos Pereira, Jonatas Serrano, Severiano de Resende, João de Deus Ramos, Leonardo Coimbra, Antero de Figueiredo, Rodrigues Barbosa e Roberto Gomes, e insere um magnifico retrato do pintor português quinhentista, Afonso Sanches Coelho.

Aproveitamos a ocasião para agradecer tambem a todas as Revistas e jornaes que se referiram ao aparecimento da *Terra Portuguesa*.

ERRATA

A pag. 15 do 1.º numero, onde se lê *vasquinha* deve ler-se «casaco», e onde se lê *saia*, «vasquinha».

